

ÓRGÃOS TUBULARES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – ESTUDO E CATALOGAÇÃO

*Gisele Sant’Ana Batista**

RESUMO:

Esta comunicação é resultado parcial de um projeto de pesquisa que visa o estudo dos órgãos de tubos da cidade do Rio de Janeiro, por meio de levantamento e catalogação dos instrumentos existentes, e coleta de informações históricas sobre cada órgão, a fim de conhecer as atuais condições destes instrumentos e qual a sua importância na atividade musical carioca. São apresentadas informações históricas, coletadas por meio de pesquisas em fontes documentais, e a catalogação dos órgãos, segunda fase do trabalho, será realizada por meio de ficha catalográfica estruturada, preenchida pessoalmente. Justifica-se a pesquisa por não existir, ainda, um estudo específico sobre os órgãos na cidade do Rio de Janeiro. Esta pesquisa, além de preencher esta lacuna, pretende oferecer uma contribuição original à literatura nesta área como também à preservação da memória desses instrumentos. A comunicação trata dos documentos históricos encontrados até o momento sobre os órgãos e a atividade organística na cidade do Rio de Janeiro, desde o século XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Órgão; Catálogo; Rio de Janeiro.

ABSTRACT:

This article is a partial result of a research project which intends to be a study on the history of pipe organs in the city of Rio de Janeiro, achieved through a survey and cataloguing of the existing instruments, and gathering of historical informations about each organ, in order to know the current conditions of these instruments and their importance in the carioca musical activity. Historical information are presented, gathered from research in documental sources; a cataloguing of the organs, second part stage of this work, will be done through a catalographed and structured file, filled in personally. This research is justified by the fact that there is still no specific study on organs in the city of Rio de Janeiro. This research, in addition to filling that blank, intends to offer an original contribution to the literature of this academic field as a preservation of the memory of these instruments. This communication deals with the historical documents found until this moment, about the organs and the organistic activity in Rio de Janeiro since 17th century.

KEYWORDS: Pipe organ; Catalog; Rio de Janeiro.

* Mestrado em Música – Órgão. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Programa de Pós-graduação em Música – Mestrado.
giselesantana@gmail.com

Introdução

Pesquisar sobre os órgãos de tubos da cidade do Rio de Janeiro é pesquisar parte do patrimônio histórico-musical desta cidade. Preservá-los e restaurá-los é manter vivas essas testemunhas da história musical e do desenvolvimento cultural do Rio de Janeiro. No entanto, para que se dê o resgate e revalorização destes instrumentos, é necessário que haja um conhecimento prévio e exato deste patrimônio.

Este é o objetivo principal desta pesquisa – estudar os órgãos tubulares da cidade do Rio de Janeiro a fim de desenvolver uma consciência da importância histórica e artística destes bens culturais e incentivar um trabalho de proteção, recuperação e revalorização destes instrumentos. Para se atingir esses objetivos, a metodologia do trabalho conta com as seguintes tarefas: levantamento dos instrumentos existentes na cidade do Rio de Janeiro para investigar a atual situação desses órgãos; catalogação segundo um padrão de descrição elaborado; coleta de informações sobre a história de cada órgão, assim como detalhes técnicos sobre reformas e modificações que tenha sofrido; investigação sobre a função desses instrumentos hoje no Rio de Janeiro.

Justifica-se essa pesquisa por contribuir para elucidar uma parcela da história organística brasileira e da história da música geral no país, por meio de estudo específico desses órgãos. Entende-se que ao se fornecer elementos para enriquecimento da história musical da cidade do Rio de Janeiro, eles poderão auxiliar na reflexão e solução de problemas relativos ao órgão e à atividade organística, como falta de manutenção, demolições e transformações arbitrárias e irreversíveis dos instrumentos. Há uma justificativa organística também: que este trabalho possa servir de influência para que outras catalogações sejam realizadas em outras regiões do Brasil.

Metodologia

Nesta comunicação são apresentados os resultados parciais obtidos nesses seis primeiros meses de pesquisa, por meio de levantamento bibliográfico. Esses resultados visam apresentar um panorama histórico do instrumento no Rio de Janeiro.

No levantamento bibliográfico realizado entre janeiro e junho de 2007, foram encontrados apenas dois trabalhos diretamente relacionados ao tema da pesquisa, ambos da organista Dorotéia Kerr: *“Possíveis Causas do Declínio do Órgão no Brasil”* (1985), dissertação de mestrado, e seu livro *“Catálogo de Órgãos da Cidade de São Paulo”* (2001). No primeiro, a autora trata da história do órgão desde a chegada do primeiro instrumento no país, na Bahia, no século XVI. Nele podemos encontrar dados históricos do órgão na cidade do Rio de Janeiro, assim como a descrição desses órgãos feita no anexo da dissertação: *“Catálogo dos Órgãos do Brasil”*. Trata-se do primeiro estudo realizado no país especificamente voltado para a história e catalogação desses instrumentos, e que induz à reflexão sobre a preservação e revalorização desse patrimônio. É, portanto, essencial referência na presente pesquisa. Em seu livro *“Catálogo de Órgãos da Cidade de São Paulo”* (2001), Kerr trata de cada órgão da cidade de São Paulo, fazendo levantamento histórico de cada um deles, sempre que documentos foram encontrados, e serve de modelo para o meu projeto de pesquisa quanto à parte histórica e nas sugestões sobre a ficha de catalogação de cada instrumento.

A catalogação de órgãos é uma das áreas de pesquisa sobre o instrumento em desenvolvimento atualmente não apenas em países desenvolvidos, que buscam registrar seus instrumentos históricos pelo seu valor, mas também em países onde o órgão tem sido deixado de lado tanto como instrumento litúrgico e como instrumento artístico. Foram

também usados como referências os critérios empregados no livro “*Órganos Históricos de Oaxaca. Estudio y Catalogación*” (1999) de Gustavo Delgado Parra e Ofélia Gómez Castellanos. Os autores buscam apresentar de forma clara as informações obtidas sobre os órgãos, “para entender cada instrumento a partir do ponto de vista do organista ou organheiro.¹” (p. 25). Esta catalogação é feita a partir de uma ficha elaborada, da qual constam informações da igreja e sua localidade, nome do construtor, data de construção, localização do órgão dentro da igreja ou instituição, informações sobre os manuais e pedaleira, nomes dos registros e sua disposição no órgão, sistema de tração do órgão, descrição do estado de conservação do órgão, alusão a dados que reportam as notícias de importância, tais como autor, data de construção, reformas, dentre outras informações.

Outras catalogações de órgãos realizadas em países latinos americanos também têm servido de apoio para o formato da ficha para o trabalho de catalogação. São elas: “*Catálogo de organos tubulares históricos del Estado de Tlaxcala*” (1999) de Josué Gastellon e Gustavo Mauleón e “*Censo y estudio de los órganos de la República Argentina*” (1996) de Miguel P. Juárez.

O campo de estudo foi delimitado na cidade do Rio de Janeiro, que se sabe foi uma das principais cidades durante o período colonial e capital da república até a inauguração de Brasília nos anos sessenta. Tal proeminência da cidade indica que ela deve ter sido (ou ainda é) depositária de órgãos de diversas procedências, conforme o momento histórico.

Discussão e Resultados

O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro parece ter sido, até o presente momento da pesquisa, a primeira igreja a adquirir um órgão na cidade. Na pesquisa realizada por Elisa Lessa sobre os mosteiros beneditinos portugueses, são encontrados, no *Dietário do Mosteiro de S. Bento*, nomes de alguns freis organistas e o ano de suas mortes. Pode-se observar que já havia organistas antes mesmo da metade do século XVII, como é o caso do Fr. Francisco da Cruz, natural de Lisboa, que “ensinou os monges juniores a muzica, e a tanger orgão em que era destro, e perfeito”², o que leva a supor que já havia órgão naquele mosteiro. As referências mais precisas, porém, existem a partir de 1680:

Fr. Tomás d’Assunção, abade de 1688-1691: “Para o coro mandou fazer um órgão grande”.

Fr. Matias d’Assunção, abade de 1697-1698: “Para o coro comprou um realejo”. (SINZIG, in Kerr, 1985, p.38).

Esse órgão, que se supõe ter sido instalado logo após a construção do templo, seria provavelmente de origem portuguesa, como foram os demais instalados no Brasil durante o período colonial, embora documentação comprovatória até o momento, em muitos casos, não tenha sido ainda encontrada.

Nesta mesma época, é provável que houvesse também um órgão na Capela da Ordem Terceira dos Carmelitas:

¹ “para entender cada instrumento a partir del punto de vista del organista u organólogo.” (tradução da autora da pesquisa).

² Dicionário de músicos beneditinos. In LESSA, Elisa. *Os mosteiros beneditinos portugueses, século XVII a XIX: centros de ensino e prática musical*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998, p.564. Tese de doutoramento.

Nada se conhece, atualmente sobre órgão e organistas na história da primeira capela dos terceiros carmelitas do Rio de Janeiro. Nada se conhece, acrescenta-se, com base documental. (...) A falta de documentação não impede que se presuma houvesse órgão nessa primeira capela, pois os terceiros eram muito ciosos em relação ao culto da Senhora do Carmo. De 15 de agosto de 1744, um termo há da ordem terceira que diz bem da sensibilidade religiosa dos seus irmãos: “Termo do que se assentou em Meza a darce huma esmola aos RR. Religiosos do Convento de N. Snra. do Monte do Carmo para dourarem o seu orgo da Igreja³” (DINIZ, 1982. n.11, p.11).

Além do órgão do templo, também compraram, por volta de 1770, um órgão para o noviciado:

Notícia do ano compromissal da Venerável Ordem Terceira dá conta da aquisição de um pequeno órgão para a capela do Noviciado, pelo qual se pagou a Antônio Monteiro a quantia de 320\$000 (DINIZ, 1982. n.11, p.11).

No século XVII, período em que as construções e instalações de órgãos tomaram impulso maior no Brasil, viveu, em Pernambuco, Agostinho Leite (1722-1786), “o mais importante construtor do período colonial” (KERR, 1985, p.44). Este organeiro construiu órgãos para igrejas principalmente de Pernambuco e Bahia. Para o Mosteiro de São Bento construiu um órgão, chamado “órgão da coroa”, e viajou até o Rio de Janeiro para montá-lo.

Também o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro encomendou ao mestre organeiro um órgão grande que Agostinho trouxe de Pernambuco, e o assentou no côro da Igreja abacial, conforme o seu recibo de 14 de janeiro de 1773 (SILVA-NIGRA, in Diniz, 1969, v.1, p.126).

De todos os órgãos construídos por Agostinho Leite, nenhum mais existe, a não ser o do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, do qual “restam apenas a fachada com um principal e uma trombeta horizontal, além da caixa externa” (CAMIN, 1974, p. 2)

Na Igreja de Santo Antônio também há referências de um órgão adquirido nesta mesma época. Em 1758 foi ordenado pelo Definitório da Província a introdução do canto-chão em todos os conventos. O frei Manuel de Sta. Teresa Veloso, guardião da igreja, “dando execução à ordem, incumbiu-se de pôr o órgão”. (ROWER, 1941, n.4, p.66)

O segundo momento histórico do órgão no Rio de Janeiro inicia-se em 1808 com a vinda da família Real, a abertura dos portos, e o conseqüente estreitamento das relações econômicas com países europeus como França, Itália e Alemanha. A partir dessa nova fase da vida econômica do Brasil, a maioria dos órgãos aqui instalados foi importada.

Essa importação iniciou-se efetivamente a partir dos meados do século XIX, e os instrumentos encomendados destinaram-se a diferentes pontos do Brasil, para as regiões onde já haviam se formado colônias estrangeiras (KERR, 1985, p.76).

Alguns órgãos ingleses foram instalados na cidade do Rio de Janeiro: Igreja São João Batista (1861), *Christ Church* (1892) e Igreja São José (século XIX).

³ Livro de Termos de 1743 a 1779, Cx. 84.

Também foram importados órgãos da França, sobretudo os fabricados por Aristides Cavallé-Coll, considerado “o mais importante construtor de órgãos do século XIX” (KERR, 1985, p. 77). Cavallé-Coll nasceu em 1811, em uma família de construtores de órgãos, e assumiu a firma da família aos 22 anos. Construiu cerca de 600 órgãos durante sua vida e introduziu várias inovações mecânicas e sonoras em suas construções, segundo as concepções estéticas do século XIX, onde o órgão deveria ser mais expressivo, e funcionar como uma orquestra tocada por um único homem. Cavallé-Coll contribuiu, assim, para a criação do estilo “sinfônico” de composição, como podemos observar nas obras organísticas de grandes compositores, como César Franck (1822-1890), C. M. Widor (1845-1937) e Lous Vierne (1870-1937). Na cidade do Rio de Janeiro, encontramos seus órgãos na Igreja da Lapa (1898), Capela da Santa Casa (1866) e Capela do Colégio Sion (1948). Este último órgão foi adquirido depois de Cavallé-Coll ter falecido e sua firma ter sido comprada por Charles Mutin.

Para o Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, foi importado um órgão Sauer, a pedido de Leopoldo Miguez, então diretor da instituição. Em 20 de janeiro de 1890, Miguez ganhou um concurso para um Hino, que veio a ser o Hino da República, e doou o prêmio para a aquisição deste órgão. Era um Sauer de três manuais que foi substituído pelo órgão atual, Tamburini, em 1954. Não há notícias do paradeiro deste grande órgão Sauer. Há na Escola de Música um órgão Sauer de dois manuais – órgão de estudos –, restaurado em 2002, que se supõe ser do mesmo período, embora não haja documentos que comprovem esta suposição. “O que nos leva a pensar desta maneira são as características do instrumento e sua numeração” (LACERDA, in Caixa Expressiva, 2002, n.11, p.9)

No século XX muitos órgãos também foram importados, a maioria até a década de 60. Grande parte destes órgãos é de origem alemã e italiana.

“Beneficiando-se de uma política de importação mais aberta e flexível, aliada às isenções aduaneiras concedidas às entidades e instituições religiosas, muitas igrejas puderam importar seus instrumentos nesse período.” (KERR, 1985, p. 108).

Foi o caso da Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, no centro da cidade, que adquiriu um órgão Walcker de dois manuais e pedaleira. Esta firma alemã, fundada na em 1780, e que é bastante conceituada, foi responsável por um bom número de órgãos instalados não só no Rio de Janeiro, mas em São Paulo e na região Sul do país. No Rio de Janeiro são também encontrados órgãos Walcker na Igreja Evangélica Luterana Central, na Capela do Colégio Santa Marcelina, na Capela de São José (Casa de Saúde São José) e na Igreja de Santo Afonso. Outros fabricantes também construíram órgãos para o Rio de Janeiro, como Tamburini, Kleuker, Kemper-Lubeck, Hellman e Stehle.

Ao que tudo indica, e pelo que se sabe até hoje, a atividade de construção de órgãos no Rio de Janeiro passou a se desenvolver a partir da vinda dos imigrantes, principalmente alemães, que contribuíram para que novos padrões e gostos musicais fossem introduzidos na cultura brasileira. Assim, o órgão, instrumento litúrgico por excelência, não podia faltar nas muitas igrejas que foram se abrindo nas cidades onde os imigrantes se situaram em atividades na nascente indústria e nos serviços. O órgão era requerido tanto pelos fiéis, que geralmente se reuniam conforme sua origem, quanto pelos padres, em grande número estrangeiros que chegaram ao país no fim do século XIX.

Dentre os imigrantes que chegaram ao país, estavam alguns organeiros, ou apenas curiosos, que viram no Brasil uma oportunidade para se fixarem e se estabilizarem na atividade da construção de órgãos. “Essa atividade de caráter nacional, pode-se assim dizer,

convivia com a atividade importadora, atendendo às exigências do mercado.” (KERR, 1985, p. 3) Para suprir esta demanda por órgãos, alguns foram importados e outros foram construídos aqui mesmo no Brasil.

Alguns dos organeiros que aqui chegaram se instalaram no Rio de Janeiro:

- Guilherme Berner (1907-1951): alemão; trabalhou como aprendiz e posteriormente como oficial na firma G. F. Steinmayer & Cia., “a mais importante fábrica de órgãos da Europa”⁴; chegou ao Brasil em 1930; enfatizava a utilização de material e mão-de-obra nacionais. Construiu, juntamente com Carlos Möhrle, o órgão do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, em 1930-31. Em 1932, separada a sociedade com Möhrle, Berner criou sua própria firma, que recebeu, posteriormente, o nome de “Órgãos Santa Cecília”. A partir de então, construiu diversos órgãos no Rio de Janeiro, São Paulo e cidades no Sul do país. Na cidade do Rio de Janeiro, seus órgãos são encontrados na Igreja da Cruz dos Militares (1933-34), Igreja Matriz N. Sra. do Rosário (1941), Igreja Matriz Santa Terezinha (1943), Mosteiro de São Bento (1945), Igreja N. Sra. Conceição Aparecida (1946), Igreja do Outeiro da Glória (1949) e Igreja Santo Antônio dos Pobres (1956).

- Giuseppe Petillo (?- 1945) : italiano; chegou ao Brasil por volta de 1925; era de uma família de organeiros de Nápoles; fabricou apenas dois órgãos na cidade do Rio de Janeiro: Basílica de Santa Terezinha (1926) e Igreja São Francisco de Paula (1931-32)

De outros organeiros que se instalaram em outros estados, encontramos, na cidade do Rio de Janeiro, órgãos de:

- Edmundo Bohn (1899-1968): nascido no Rio Grande do Sul, filho de alemães; começou a fabricar harmônios por volta de 1925; construiu cerca de 80 órgãos em todo o país, especialmente na região Sudeste; para a cidade do Rio de Janeiro, fabricou seis órgãos: Igreja N. Sra. Lampadosa (1956), Capela do Colégio Regina Coeli (1959), Igreja N. Sra. da Glória (1960), Igreja Sagrados Corações (1961), Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – Mórmons (1962) e Associação Religiosa Israelita (1962).

- Nicolau Lorusso (1924-1978): nasceu em São Paulo; começou a trabalhar ainda menino na oficina de Giuseppe Petillo e Salvatore Lanzillota; na década de 40 montou sua própria oficina e começou, então, a construir seus próprios órgãos; se dedicou também a reformas e ampliações destes instrumentos; o último órgão que construiu foi o da Igreja São José do Jardim Botânico, em 1965, único instrumento do organeiro na cidade do Rio de Janeiro.

- Manoel Luiz de Faveri: não foi possível durante este trabalho obter maiores informações sobre este organeiro. Sabe-se apenas que, além do órgão da Igreja São Sebastião dos Capuchinhos (1952), no Rio de Janeiro, construiu também o órgão da Catedral de Uberlândia (MG).

A atividade organística no Rio desenvolveu-se desde então, sobretudo nas igrejas católicas, onde, ainda hoje, se encontra a maioria dos órgãos. Este foi o primeiro instrumento a conquistar lugar cada vez mais importante no culto cristão, a partir do século VIII, e durante séculos o órgão foi considerado o instrumento próprio da igreja (DCS. 15, VIII), embora sempre ficasse claro “que não é o canto com acompanhamento de instrumentos, mas é a viva voz que deve ressoar no templo.” (DCS. 14, VII). Devido às modificações litúrgicas realizadas a partir do Concílio Vaticano II, na década de 1960, o órgão foi sendo aos poucos substituído por outros instrumentos, como expressa este documento da CNBB:

⁴ Carta de Guilherme Berner ao Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar Affonseca e Silva. In BRASIL, Hebe Machado. Guilherme Berner, construtor de órgãos. *Tribuna de Petrópolis*, 13/09/1984.

O órgão é o instrumento típico da Igreja Latina, mas não da Igreja do Oriente e do Terceiro Mundo. Se o órgão, e mais o seu 'irmão pobre', o harmônio, foram os instrumentos cultuais da Igreja Latina, com a reforma litúrgica os instrumentos litúrgicos serão os instrumentos que exprimem a cultura local, na qual a Igreja quer encarnar-se (CNBB, 1976, p.177).

Além de uma mudança cultural e religiosa quanto ao uso do instrumento, principalmente em países de colonização católica, a manutenção dos órgãos tornou-se cada vez mais rara em razão, principalmente, do custo alto das reformas e dos materiais envolvidos. O resultado é que hoje a maioria dos órgãos está em estado precário ou abandonados.

Existem quarenta órgãos na cidade do Rio de Janeiro, construídos até a década de 60 (KERR, 1985). O único órgão localizado em uma sala de concerto é o da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, antigo Instituto Nacional de Música.

É uma iniciativa, essa de nosso primeiro estabelecimento oficial de ensino, que honra a sua administração, pois que veio dotar o Brasil de um notável instrumento, destinado exclusivamente a concertos, capaz de possibilitar a realização de planos culturais de grande envergadura (...) (ANDRADE MURICY, 1957, n.5, p.147).

Importado de Cremona, na Itália, o órgão foi fabricado pela firma Tamburini e levou três meses e meio para ser montado.

Foi inaugurado no dia 13 de agosto de 1954, o grande órgão adquirido pela Escola Nacional de Música para substituir o infelizmente instrumento outrora oferecido por Leopoldo Miguez (...) (Ibid, p.148).

Este órgão foi considerado o maior órgão da América do Sul até a construção do órgão da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em Niterói, dois anos mais tarde. Em 1969 foi reformado por J. C. Rigatto. Infelizmente, pela falta de manutenção regular, o órgão precisa passar por uma nova reforma. Atualmente, o órgão está fechado devido às obras de restauração realizadas na Escola de Música. Enquanto isso, os alunos estão tendo aula no órgão da Igreja Matriz Santa Terezinha, que foi restaurado em 2005 pelo organeiro francês Daniel Birouste.

Considerações Finais

Mais de 20 anos se passaram desde o trabalho realizado pela organista Dorotéa Kerr, quando foram catalogados os órgãos do Brasil. Neste período de tempo, alguns dos órgãos da cidade do Rio de Janeiro foram restaurados, como é o caso do órgão de Aristides Cavaillé-Coll, na Igreja da Lapa, que estava abandonado na ocasião da pesquisa (1985), e o órgão da Igreja Matriz Santa Terezinha, de Guilherme Berner, que se encontrava em estado precário. Também se acredita que alguns dos órgãos realmente já estejam completamente destruídos devido à falta de manutenção. Faz-se, portanto, necessária uma averiguação sobre o estado em que estes órgãos se encontram hoje.

Nesta comunicação foram apresentados apenas os resultados parciais obtidos nestes seis primeiros meses de pesquisa. Antes de se iniciar a catalogação propriamente dita dos órgãos, faz-se necessário um panorama histórico destes instrumentos na cidade do Rio de Janeiro para que, como pesquisadora, possa me situar sobre a origem e desenvolvimento

dos mesmos. Pretende-se que os objetivos desta pesquisa sejam realizados no decorrer dos dois anos de curso.

Referências Bibliográficas

ANDRADE MURICY. O novo órgão da Escola Nacional de Música. *Música Sacra*. 1957, n.15, p.147-148.

BRASIL, Hebe Machado. Guilherme Berner, construtor de órgãos. *Tribuna de Petrópolis*, 13/09/1984.

CAMIN, Ângelo. *A arte do órgão no Brasil*. Trabalho apresentado no I Encontro Latino Americano de Organistas, México, 1974.

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Estudos sobre o canto da missa*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1976.

DSC: Constituição apostólica “Divini Cultus” sobre liturgia, canto gregoriano e música sacra (1928). In: *Documentos sobre a música litúrgica*. São Paulo, Paulus, 2005.

DINIZ, Pe. Jaime C. *Músicos Pernambucanos do Passado*. Recife, Universidade de Pernambuco, 1969-1971.

_____. Um organista no Rio de Janeiro. *Caderno de Música*. 1982, n.11, p.11-12.

GASTELLON, Josué e Gustavo Mauleón. *Catálogo de organos tubulares históricos del Estado de Tlaxcala*. Atlexco: Lupus Inquisitor, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio 5.0*. Regis Ltda, 2004.

JUÁREZ, Miguel P. *Censo u estudio de los órganos de la República Argentina*. Buenos Aires: Conferencia Episcopal Argentina, 1996.

KERR, Dorotéa. *Possíveis causas do declínio do órgão no Brasil*. 1985. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, RJ.

_____. *Catálogo de órgãos da cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume: Hosmil: Fapesp, 2001.

_____. CARVALHO, Any Raquel. *A pesquisa sobre órgão no Brasil: estado-da-arte*. Per Musi, Belo Horizonte, MG, v.12, p.25-38, 2005.

LACERDA, Regina. Escola restaura órgão Sauer. In: O Órgão Sauer da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Caixa Expressiva*. Ano 6, n.11, jul/2002.

LESSA, Elisa. *Os mosteiros beneditinos portugueses, século XVII a XIX: centros de ensino e prática musical*. 1998. Tese de doutoramento - Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

PARRA, Gustavo Delgado e Ofélia Gómez Castellanos. *Órganos históricos de Oaxaca. Estudio y Catalogación*. México: Fomento Cultural Banamex, A.C., 1999.

ROWER, Frei Basílio. O antigo órgão da igreja de S. Antônio, no Rio. *Música Sacra*. 1941, n.4, p.66-67.